



Universidades Lusíada

Amorim, Maria Alexandra Martins Soares de

O património vernacular no contexto das intervenções em paisagens culturais evolutivas : a arquitectura do vinho no Alto Douro vinhateiro

<http://hdl.handle.net/11067/404>

Metadados

Data de Publicação	2010
Resumo	As paisagens culturais evolutivas, tal como as classifica a UNESCO, testemunham a relação do homem com o seu entorno natural ao longo de diversas gerações. Neste sentido, considerando que o património vernacular representa um dos importantes aspectos dessa relação, esta abordagem pretende reflectir sobre a premência e a urgência da sua análise e catalogação científica, dado que este constitui um valioso arquivo vivo seriamente ameaçado pelo processo de contínua transformação do território. Como ...
Palavras Chave	Arquitectura vernácula - Portugal - Trás-os-Montes e Alto Douro, Património mundial - Portugal
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FAA] RAL, n. 1 (2.º semestre 2010)

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-05-17T09:37:07Z com informação proveniente do Repositório

O PATRIMÓNIO VERNACULAR NO CONTEXTO DAS INTERVENÇÕES EM PAISAGENS CULTURAIS EVOLUTIVAS. A ARQUITECTURA DO VINHO NO ALTO DOURO VINHATEIRO.

Alexandra Amorim

RESUMO

As paisagens culturais evolutivas, tal como as classifica a UNESCO, testemunham a relação do homem com o seu entorno natural ao longo de diversas gerações.

Neste sentido, considerando que o património vernacular representa um dos importantes aspectos dessa relação, esta abordagem pretende reflectir sobre a premência e a urgência da sua análise e catalogação científica, dado que este constitui um valioso arquivo vivo seriamente ameaçado pelo processo de contínua transformação do território.

Como estudo de caso, tomamos a região do Alto Douro Vinhateiro, localizada no interior do Norte de Portugal, e a arquitectura popular relacionada com a produção de vinho.

PALAVRAS-CHAVE

Património Vernacular; Paisagens Culturais Evolutivas; Arquitectura do Vinho; Intervenções no Alto Douro Vinhateiro.

ABSTRACT

Evolving cultural landscapes, such as UNESCO classifies, attest to man's relationship with its natural environment over several generations.

In this sense, considering that the vernacular heritage is one of the important aspects of this relationship, this approach seeks to reflect on the immediacy and urgency of its scientific analysis and cataloging, since this is a valuable living archive seriously threatened by the process of continuous transformation of the territory.

As a case study, we take the Alto Douro Wine Region, located within the North of Portugal, and the popular architecture related to the production of wine.

KEY-WORDS

Vernacular Heritage; Evolving Cultural Landscapes; Wine Architecture; Alto Douro Wine Region interventions.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende realizar uma reflexão em torno da relevância do estudo do património vernacular para a manutenção dos pressupostos subjacentes à classificação das paisagens culturais evolutivas pela United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (UNESCO), definindo como amostra as intervenções humanas sobre a paisagem, destinadas à produção de vinho, no contexto da região do Alto Douro Vinhateiro.

Considerando que as paisagens culturais evolutivas reflectem a interacção entre o homem e o seu ambiente natural ao longo de diversas gerações, constituindo um arquivo vivo que integra identidades tangíveis e intangíveis, é nosso entendimento que as paisagens inscritas na World Heritage List¹ não devem ser encaradas apenas como sítios excepcionais a preservar mas, também, como um modelo de inspiração para uma conservação sustentada da harmonia e do equilíbrio do planeta.²

Aliás, com a intenção de proteger estes sítios, criando a designação de paisagem cultural, o Comité do Património Mundial da UNESCO pretendeu contornar as limitações decorrentes das classificações até então existentes, criando uma classificação de âmbito integrador que ultrapassasse a clássica distinção entre o património natural e o património cultural, através da qual se limitava separadamente a acção de protecção às espécies naturais ameaçadas e aos locais ainda não manipulados pelo homem, por um lado, e os actos de preservação aos monumentos construídos, por outro.

Nesta perspectiva, a terminologia paisagem cultural passou a abarcar uma diversidade de manifestações relativas à interacção entre a humanidade e o seu ambiente natural, tendo sido reconhecidas dentro do seu âmbito as seguintes categorias:

1. Paisagens claramente definidas, projectadas e criadas intencionalmente pelo homem, englobando jardins e parques construídos por motivações de ordem estética;
2. Paisagens orgânicas evolutivas, resultantes da acção de imperativos de ordem social, económica, administrativa ou religiosa sobre as determinantes do ambiente natural, sendo possível identificar nesta categoria dois tipos distintos:

Paisagens fossilizadas ou relíquia, nas quais os processos evolutivos se extinguiram a determinada altura, sendo, no entanto, ainda possível detectá-los materialmente;

Paisagens evolutivas, que retêm um papel activo na sociedade contemporânea intimamente relacionado com os modos de vida tradicionais e nas quais se mantém o processo evolutivo;

3. Paisagens culturais associativas, perante as quais existem poderosas associações religiosas, artísticas ou culturais relacionadas com os elementos naturais e onde as evidências culturais podem ser insignificantes ou mesmo inexistentes.³

De entre estas categorias, o Alto Douro Vinhateiro insere-se na de paisagem cultural evolutiva, "(...) no sentido da contínua transformação em função das novas tecnologias, mas centrada em saberes, técnicas, costumes, rituais, hábitos e crenças das populações locais."⁴

¹ Lista do Património Mundial

² ANDRESEN, Teresa; CURADO, Maria José - Shapping the Future of a Cultural Landscape: The Douro Valley Wine Region. In Landscape Interfaces. Cultural Heritage in Changing Landscapes. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2003. ("Landscape Series"; vol. 1). ISBN 1-4020-1437-6, pp. 109-124.

³ UNESCO, United Nations Educational Scientific and Cultural Organization - Categorias e Critérios de selecção. [consultado em 08/10]. Disponível <URL: http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/temas/cul_tema.php?t=14>

⁴ SOUSA, Fernando de - O Alto Douro. Da Demarcação Pombalina à Classificação de Património Mundial. In III

Ora, a sensibilização para esta temática adveio precisamente do facto de, ao termos estabelecido nos últimos anos uma relação próxima com diversos produtores, provenientes de distintas regiões do Velho e do Novo Mundo, nos havermos apercebido da existência de uma revolução qualitativa no que respeita à produção de vinho, que teve como consequência a necessidade de integrar inovadores sistemas em criativos espaços funcionais, fazendo emergir uma nova arquitectura, traduzida quer na reformulação e expansão dos espaços edificados existentes, quer na construção de novas estruturas.

Assim, novas tipologias destinadas à produção e ao armazenamento de vinho têm vindo a ser desenvolvidas sob a égide de parâmetros técnicos e higiénicos progressivamente mais exigentes, passíveis de serem atingidos com maior eficácia quando se envolvem os conhecimentos dos arquitectos na génese do edifício.⁵

Esta realidade, aliada a um novo emolduramento social e cultural em torno da indústria do vinho, fez com que se introduzisse no espectro da arquitectura contemporânea, simultaneamente um novo programa - abraçado por conceituados arquitectos - e o desafio de, uma vez mais, a arquitectura se constituir como um dos símbolos na promoção de uma identidade que, neste caso, tanto se refere ao produto vinho como à região.

Também no Alto Douro Vinhateiro têm surgido novas práticas produtivas e, conseqüentemente, novos edifícios, novas estruturas complementares e novas técnicas de plantio da vinha, que não estão dissociados de um modelo que pretende conciliar um progressivo incremento da qualidade do vinho produzido com a sua promoção comercial e divulgação turística.

Considerando que um dos aspectos mais relevantes do conceito de paisagem cultural é precisamente a definição daquilo que a torna única - ou seja, a definição da sua identidade - e de que inerentes à alteração dos paradigmas em torno do produto vinho se encontram forçosamente reinterpretções respeitantes aos espaços vinícolas e aos métodos de produção, depreendemos que os pressupostos identitários desta região podem encontrar-se ameaçados.

Na verdade, à definição da região do Alto Douro Vinhateiro enquanto unidade de análise não nos foi alheia a importância que vem assumindo a necessidade de preservação da sua paisagem, constatação que é partilhada por diversos autores, provenientes de distintas formações científicas, que sobre o Douro têm dedicado a sua investigação.⁶

De facto, ainda antes da elaboração da candidatura do Alto Douro Vinhateiro à classificação pela UNESCO já muito se havia investigado e escrito sobre esta região, facto para o qual concorre seguramente ser o Douro a região vinícola demarcada mais antiga do mundo.

Em 1756, Sebastião José de Carvalho e Melo, ministro de D. José I e posteriormente Marquês de Pombal, instituiu a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, tendo uma das suas primeiras acções sido o estabelecimento de um limite em torno das vinhas do Douro com o intuito de se proteger a autenticidade do Vinho do Porto, criando-se desta forma um dos exemplos pioneiros de delimitação geográfica regulamentada de uma região vinícola.⁷

Encontro Internacional Relações Portugal - Espanha. População e Sociedade. ISSN 0873-1861, Nº 13 (2007), pp. 19-30

⁵ EUE, Ralph; GUST, Kerstin; SEILER, Christian - Wine Architecture. The Winery Boom. Ostfildem: Hatje Cantz, 2008. ISBN 978-3-7757-2195-0, pp. 55

⁶ Os escritos destes autores integram a bibliografia estudada para este trabalho, podendo-se salientar de entre eles os de Bianchi de Aguiar, Gaspar Martins Pereira, Maria José Curado e Teresa Andresen.

⁷ Antes desta data, em 1700, o Príncipe Rákóczi tinha classificado as vinhas de Tokaj na Hungria e em 1716 havia

Como consequência desta regulamentação o território do Alto Douro assumiu a designação de país vinhateiro ou região do vinho do Porto, estabelecendo-se, assim, ainda no decurso do século XVIII, a sua vocação económica e cultural.

Apesar da produção de vinho nesta região remontar à época da ocupação romana e de ter atingido um assinalável significado durante a presença no Vale do Douro dos monges de Cister na época medieval, nomeadamente nos mosteiros de Salzedas, de S. João de Tarouca e de S. Pedro das Águias, é realmente no XVIII, após a assinatura do Tratado de Methuen⁸ em 1703, do incremento das exportações pelos ingleses e, sobretudo, com a intervenção pombalina, que esta demonstra um forte desenvolvimento.

Desde então, a história do Douro encontrou-se intimamente relacionada com o contexto político, económico e social do país, designadamente com os aspectos que mais directamente interferiram com a produção e a comercialização do Vinho do Porto.

Neste sentido, as diferenças paisagísticas ainda hoje detectáveis nas três sub-regiões que constituem o Alto Douro Vinhateiro - o Baixo Corgo, o Cima Corgo e o Douro Superior - representam não só distintas formas de intervenção do homem face à escassez e à adversidade dos elementos naturais, como representam também a desconformidade do cadastro e se reportam, ainda, a épocas de desenvolvimento diversas, a que correspondem contextos políticos, económicos, sociais e culturais de características particulares e frequentemente divergentes.

Nesta perspectiva, também o património construído vernacular, designação adoptada na Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial⁹ para caracterizar os aglomerados e quintas, as casas de habitação e os anexos de produção, os terraços de vinhedos, os olivais e os caminhos, reflecte distintas formas de acção do homem sobre o território, realizadas ao longo do tempo.

Por tal, consideramos que o estudo da paisagem do Alto Douro Vinhateiro não pode ignorar a necessidade de considerar também este património, bem como a relação sistémica que se encontra estabelecida entre o conjunto de elementos que o caracterizam.

A este propósito, refere-se no texto da Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial “ O património vernacular construído do Douro, ainda parcialmente por estudar, tem diante de si um longo caminho que deverá ser percorrido com brevidade para que as transformações do presente não anulem por completo os vestígios materiais do que já foi a região.”¹⁰

sido delimitada a área respeitante à produção dos vinhos de Chianti em Itália. Apesar disso, a existência da Companhia Geral de Agricultura das Vinhas do Alto Douro, a sua acção fiscalizadora, a regulamentação dos preços, a demarcação regional e as regras de protecção aos vinhos designados como do Porto, preconizaram uma inovadora intervenção do Estado que levou a que esta fosse considerada a mais antiga região vinícola demarcada do mundo. A este propósito consultar:

ROBINSON, Jancis - *The Oxford Companion to Wine*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2006. ISBN 978-0-19-860990-2, pp. 235-236; e BARRETO, António - *O vinho do Porto e a Intervenção do Estado*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1988 (Análise Social; vol. XXIV). ISSN 0003-2573, pp. 373-390

⁸ O Tratado de Methuen, também conhecido como Tratado dos Panos e Vinhos, constitui um documento assinado entre a Grã-Bretanha e Portugal em 1703, segundo o qual se estabelecia o compromisso dos portugueses consumirem os têxteis britânicos e os britânicos os vinhos de Portugal. A “Guerra dos Trinta Anos” levou a que cessasse a importação de vinhos franceses pelos ingleses, o que incrementou o comércio externo dos vinhos do Douro. TENREIRO, A. Guerra - Douro. Esboços para a sua História Económica. Porto: Instituto do Vinho do Porto, 1942-1944.

⁹ BIANCHI AGUIAR, F.; DIAS, J. M.; ANDRESEN, T.; CURADO, M, J. et al. - *Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial*. Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques, 2000, p. A-1.

¹⁰ BIANCHI AGUIAR, F.; DIAS, J. M.; ANDRESEN, T.; CURADO, M, J. et al. - *Candidatura do Alto Douro Vinhateiro*

Porém, tomando em consideração o facto de estarmos perante “(...) uma paisagem cultural evolutiva e viva não podemos ficar reféns de um complexo de “Arca de Noé”, de tudo querer preservar e arrecadar como se pudéssemos reter um tempo fugidio e ideal (...).¹¹

Este aparente paradoxo entre a importância da conservação e a inevitabilidade de enquadramento das mudanças decorrentes do desenvolvimento tecnológico, social e cultural reflecte a vulnerabilidade da paisagem, sobretudo quando, como já referimos, as novas exigências produtivas tornam as estruturas existentes desadequadas, podendo levar a uma atitude simplista de construção sucessiva de novas instalações e introdução de novas práticas produtivas, acarretando, conseqüentemente, o abandono, destruição ou desajustamento funcional das antigas.

Nesta perspectiva, o estudo do património vernacular pode assumir-se como “(...) uma lição de qualidade e adaptação às condições do meio, de saber construir ligado à paisagem, aos homens e às suas necessidades funcionais, evitando a ameaça à diversidade que constitui a mundialização da economia e da cultura”¹², aplicável também nas novas intervenções, quer sejam resultantes de uma reconversão de pré-existências quer sejam projectadas e construídas de raiz.

Também Pedro de Llano, no seu trabalho de investigação sobre as construções populares da Galiza, se refere precisamente a este papel de contínua referência para os projectistas contemporâneos que entende estar inerente a uma arquitectura sem arquitectos, denominação que utiliza para caracterizar o património vernacular galego.¹³

Pelo facto de se encontrar intimamente relacionada com a população que a constrói e a habita, esta arquitectura traduz o seu carácter e assume-se frequentemente como um prolongamento da paisagem onde se insere, representando, por isso, de acordo com o texto da Carta sobre o Património Construído Vernáculo de 1999¹⁴, um dos mais importantes sinais de identidade de uma região.

Pedro de Llano conclui, ainda, que o estudo do património vernacular constitui um meio essencial de procura de novos modos de fazer relacionados com a memória e a experiência:

“O desenvolvimento dunha arquitectura debe, na miña opinión, entroncar nunha tradición, por médio dunha actitude crítica que renove e modernice continuamente as suas contribucións e, seguindo o costume da arquitectura anónima, buscar unha correcta relación entre o home e o seu médio, continuando a definición do seu nunca acabado territorio por médio de novas achegas... A personalidade de cada pobo quedaria así reflectida por unha arquitectura sem un código formal único, complexa e dialéctica, pero cun singular carácter, froito da sua presencia nun contorno cultural determinado.”¹⁵

a Património Mundial. Op. cit., p. A-2

¹¹ Idem, ibidem, p. A-11.

¹² Idem, ibidem, p. A-2.

¹³ LLANO, Pedro de - Arquitectura popular en Galicia, Razón e Construcción. Galiza: Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, Comisión de Cultura, 1996, ISBN 84-85665-26-0.

¹⁴ UNESCO-ICOMOS, United Nations Educational Scientific and Cultural Organization - International Council on Monuments and Sites, Documentation Centre - Charter on the Built Vernacular Heritage, 1999. [consultado em 08/10]. Disponível <URL:http://www.international.icomos.org/charters/vernacular_e.htm>.

¹⁵ LLANO, Pedro de - Arquitectura popular en Galicia, Razón e Construcción. Op cit., p. 216.

“O desenvolvimento da arquitectura deve, na minha opinião, entroncar na tradição através de uma atitude crítica que renove e modernize continuamente as suas contribuições e, de acordo com o que é habitual na arquitectura anónima, procure encontrar uma correcta relação entre o homem e o seu meio, prosseguindo a caracterização do seu território através de novas abordagens... A personalidade de cada população ficaria assim reflectida numa arquitectura sem um código formal único, complexa e dialéctica, porém com um carácter singular, resultante da sua presença num determinado contexto cultural.”

Concordando com estas correntes de pensamento é, pois, em idêntica perspectiva que se considera que o estudo do património vernacular do Alto Douro Vinhateiro pode contribuir para o estabelecimento de uma sintonização entre os valores identitários, materiais e imateriais, desta região e aqueles que se encontram subjacentes às intervenções contemporâneas.

O património vernacular no contexto das intervenções em paisagens culturais evolutivas. A arquitectura do vinho no Alto Douro Vinhateiro.

De acordo com os debates que em torno do tema das paisagens a comunidade científica internacional tem realizado, podemos afirmar que a sua variedade e a sua complexidade não devem ser encaradas como impedimentos para a criação de fóruns de estudo mas, sim, como aspectos positivos e motivadores, uma vez que sugerem e permitem uma grande multiplicidade de abordagens e a integração de conhecimentos de distintas proveniências.

Destes encontros destinados à discussão das proposições e conclusões obtidas por diversos investigadores sobre o tema das paisagens, suscitaram-nos curiosidade as conclusões do workshop sobre património cultural, denominado Cultural Heritage in Changing Landscapes¹⁶, que decorreu durante a IALE (International Association for Landscape Ecology) European Conference¹⁷ que se iniciou em Estocolmo, na Suécia, em Junho de 2001, e terminou na Estónia em Julho do mesmo ano.¹⁸

De facto, deste workshop emanaram diversas questões, colocadas tanto pelos investigadores participantes como pelos responsáveis pelo património cultural, de que se salientam as seguintes:

- Podem as paisagens ser caracterizadas?
- É possível determinar uma tipologia para as paisagens e, se sim, pode esta tipologia ser aplicada independentemente das fronteiras regionais ou nacionais?
- E no que concerne aos aspectos não-visuais das paisagens, como são incorporados na percepção e categorização que delas realizamos?
- Têm as paisagens continuidade e, se sim, quem dela se apercebe?
- Até onde nos é possível perceber uma paisagem?
- Aquilo que é observável e perceptível numa paisagem é compreendido da mesma forma por todos?
- Ou será que o conhecimento e a experiência individual determinam a nossa literacia sobre a paisagem e, por tal, condicionam a importância que atribuímos a determinados layers dessa paisagem?
- Quando nos referimos à preservação da paisagem, qual se pode considerar a paisagem autêntica, perante a qual devemos monitorizar o sucesso das nossas acções e decidir os aspectos que legitimamente devemos preservar?
- E, por fim, quem deve realizar decisões sobre a modificação das paisagens?¹⁹

Na verdade, de acordo com Widgren²⁰, a investigação em torno das paisagens deve considerar quatro aspectos essenciais, designadamente os requisitos de ordem formal, de ordem funcional, de ordem processual e de ordem contextual.

¹⁶ Património Cultural em Paisagens em Mudança

¹⁷ Conferência Europeia da Associação Internacional para a Ecologia das Paisagens

¹⁸ PALANG, Hannes; FRY, Gary - Landscape Interfaces. Cultural Heritage in Changing Landscapes. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2003. ("Landscape Series"; vol. 1). ISBN 1-4020-1437-6.

¹⁹ PALANG, Hannes; FRY, Gary - Landscape Interfaces. In Landscape Interfaces. Cultural Heritage in Changing Landscapes. Op. cit., p. 1

²⁰ WIDGREN, M. apud PALANG, Hannes; FRY, Gary. Op. cit., p. 2

Segundo as suas palavras, estes aspectos não devem ser estudados separadamente uma vez que os requisitos de ordem formal detectáveis numa dada paisagem adquirem um significado determinado a que não são alheias as especificidades do contexto para o qual, por sua vez, contribuíram os requisitos de ordem funcional e processual.

Esta abordagem integrada assume uma significativa importância pois, na generalidade, as decisões relativas à preservação de uma determinada paisagem tendem a induzir a uma escolha entre a reabilitação dos processos que estiveram na base da sua formação ou a tentativa de restaurar o seu estado e a sua aparência.

Porém, se este restauro pode ser possível, já o restabelecimento do contexto e dos requisitos funcionais em que se deram os processos que estiveram na génese da formação da paisagem se revelam muito mais difíceis de alcançar.

Neste sentido, podemos formular um conjunto de novas questões relacionadas com a necessidade de preservarmos paisagens vivas com formas, funções e processos nos contextos adequados ou, por outro lado, ponderar se a gestão do património cultural se deve dedicar à criação de paisagens museu, onde se encontram salvaguardadas a forma ou a função mas não o contexto.

Cabe, ainda, reflectir sobre se será possível salvaguardar as paisagens culturais perante novos contextos, face aos quais as razões que estiveram na sua génese tendem a desaparecer ou já se extinguíram ou, até, se será viável encontrar inovadores mercados ou outros mecanismos de mudança com o objectivo de criar contextos que permitam a geração de novas e valorizadas paisagens que integrem os pressupostos que originaram a vontade de preservação.

Esta reflexão transporta-nos para uma mais profunda abordagem que com ela se relaciona, pois é inegável o facto de as paisagens terem um papel na formação de identidades locais, regionais e nacionais. No entanto, não será legítimo questionar a quem pertence esta identidade? Pertencerá àqueles que vivem naquele território há gerações, a grupos minoritários que nele encontram agora inovadores modos de vida ou ainda àqueles que dele usufruem durante uns dias de lazer e depois partem?

Perante todas estas perguntas, podemos induzir que se o estudo das paisagens constitui um desafio para todos aqueles que a ele se dedicam, a possibilidade de existirem interfaces entre as diferentes abordagens passíveis de serem realizadas sobre este tema parece ser uma realidade.²¹

No caso específico da paisagem cultural evolutiva do Alto Douro Vinhateiro, e mais precisamente quanto ao enquadramento do seu património vernacular, as interfaces cujo estudo entendemos serem pertinentes respeitam às que se dão entre culturas, entre o passado e o presente, entre tempo e espaço e, por último, entre preservação e uso.

A interface entre culturas relaciona-se com os diferentes modos de percepção e interpretação da paisagem e, conseqüentemente, com o significado simbólico que este mesmo território tem vindo a assumir para indivíduos de distintas culturas, associando-se, por isso, a diferentes momentos políticos, económicos e sociais.

Já a interface entre o passado e o futuro se debruça sobre a dinâmica temporal, aspecto que assume uma grande relevância no entendimento da paisagem em causa, uma vez que as suas

²¹ Idem, *ibidem*, p. 9

características actuais detêm reminiscências de vários períodos anteriores, representando o resultado de um processo continuado da acção do homem sobre as condicionantes naturais.

A interface entre tempo e espaço relaciona as alterações no desenho e no planeamento da paisagem com a época e os acontecimentos que as contextualizam temporalmente.

Por último, a interface entre preservação e uso constitui um dos maiores desafios relativos ao planeamento e à gestão deste território, gerando algumas das questões mais prementes que se nos apresentam actualmente face às paisagens culturais evolutivas, isto porque parece ser consensual que estas não devem ser assumir um carácter museológico mas, sim, integrar os novos modos de vida das suas populações.

Perante esta constatação, levanta-se a dúvida sobre os procedimentos a adoptar para preservar os valores tradicionais, o que coloca, por outro lado, uma nova questão em torno dos instrumentos que nos permitem identificar a autenticidade desses mesmos valores, uma vez que frequentemente as memórias intrínsecas de uma população correspondem a um ideal caracterizado por aspectos afectivos de grande subjectividade.

Porém, não devemos esquecer que estes valores, pese embora a dificuldade do seu levantamento e da sua preservação, integram os pressupostos de uma identidade que tende a perder-se perante uma globalização que uniformiza as paisagens de todo o mundo.

Assim, urge reunir dados que permitam realizar uma reflexão operativa sobre a problemática enunciada, contextualizando-a no território delimitado do Alto Douro Vinhateiro, procurando encontrar respostas para as seguintes questões:

- Poderá a Paisagem Cultural Evolutiva do Alto Douro Vinhateiro encontrar-se em risco perante um cenário de rápidas transformações respeitantes simultaneamente às técnicas de produção de vinho, aos espaços a ela respeitantes e à vocação primordial do território?
- Tendo em consideração que esta paisagem constitui o resultado da acção continuada do homem, sendo, conseqüentemente, essencialmente uma paisagem construída, que contributo poderá ter o estudo do património vernacular para o estabelecimento de uma atitude dialéctica entre a permanência e a utopia²² na génese das intervenções contemporâneas sobre este território concreto, evitando a perda definitiva da sua identidade?

CONCLUSÃO

Conscientes de que o tema da paisagem tem sido alvo de abordagens provenientes de uma multiplicidade de áreas do conhecimento, não podemos descurar a realização de uma reflexão em torno das questões que actualmente envolvem as paisagens culturais classificadas pela UNESCO, incidindo sobretudo nos aspectos que se relacionam com a sua transformação e a sua preservação.

A esta opção não é alheio o facto de os arquitectos - e não apenas os arquitectos paisagistas - enquanto interventores sobre esses espaços, assumirem o papel de protagonistas na modificação ou conservação de determinadas características das paisagens em que intervêm, com especial

²² Estes dois conceitos, permanência e utopia, aplicados a uma teorização em torno da relevância do estudo do património vernacular, são utilizados por Pedro de Llano para caracterizar os valores decorrentes da tradição, por um lado, e as contribuições teóricas e práticas que emanam da arquitectura contemporânea internacional, por outro. LLANO, Pedro de - *Arquitectura popular en Galicia, Razón e Construcción*. Op cit., p. 216

evidência para os aspectos de ordem formal.

No entanto, encarar esta actuação como incidindo apenas sobre os aspectos formais pode revelar um carácter redutor, como se pode depreender dos escritos de Norberg-Schulz²³ e de Marc Augé²⁴, entre outros, pois a acção transformadora dos arquitectos contém frequentemente um alcance social bem mais abrangente que aquele que se refere somente à imagem dos lugares.

De diversas leituras realizadas sobre o tema das paisagens culturais classificadas, depreendemos que a investigação sobre os processos de intervenção e de preservação do seu património material e também imaterial - embora este último seja mais descurado - incide fundamentalmente sobre paisagens cujo carácter é essencialmente urbano.

Neste contexto particular, a alusão ao papel do arquitecto e a ponderação sobre os efeitos da sua actuação é mais frequente, pois a sua acção sobre o espaço público e sobre os edifícios assume, perante este contexto, uma maior visibilidade e foi, ao longo do tempo, mais debatida.

Por tal, identificamos a existência de uma lacuna de investigação, referente à reflexão em torno do impacto perpetrado pelas novas intervenções sobre os requisitos de natureza tangível e de natureza não tangível que concorrem para a classificação das paisagens culturais, sobretudo quando o enquadramento não é uma paisagem de características urbanas.

É, pois, nesta perspectiva, que consideramos importante e urgente a realização de um estudo de caso sobre a paisagem do Alto Douro Vinhateiro, uma das poucas paisagens classificadas pela UNESCO²⁵ em todo o Mundo, que só recentemente tem vindo a ser alvo de significativas alterações quer no que respeita às técnicas de plantio da vinha quer no que concerne ao programa, ao conceito e à materialização dos edifícios destinados à produção do vinho, a que não são alheias, também, intenções de promoção enoturística da região.

Assim sendo, dado que o processo de transformação é recente e se encontra claramente identificado e delimitado, torna-se possível realizar a comparação entre culturas, entre o passado, o presente e a prospecção para o futuro, entre tempo e espaço e, por último, entre preservação e uso.

Sendo a comparação uma ferramenta fundamental de análise, uma vez que apura as descrições realizadas desempenha um papel central na formação de conceitos, evidenciando as semelhanças e os contrastes detectáveis nos objectos de estudo, consideramos que devem ser identificados, analisados e comparados os elementos naturais e os elementos culturais que permitam caracterizar tipologicamente e morfologicamente a arquitectura destinada à habitação, a arquitectura destinada à produção e a arquitectura da paisagem.²⁶

²³ NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*. New York, United States of America: Rizzoli International Publications, Inc, 1979.

²⁴ AUGÉ, Marc - *Não lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus Editora, 2006.

²⁵ As restantes quatro regiões são: - Tokay, na Hungria; Pico nos Açores, Portugal; Saint Emilión em França; e Lavaux na Suíça.

²⁶ Estas três definições funcionais sobre as diferentes intervenções na paisagem tomam em consideração os seguintes trabalhos de investigação de Maria Diogo e Natália Fauvrelle:

DIOGO, Maria do Nascimento Xavier - *A Arquitectura Complementar e do Trabalho em Terras de Miranda*. Tese de Doutoramento apresentada à Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Departamento de Expression Gráfica e Arquitectónica, Universidad de Valladolid. 2001. Policopiado; e FAUVRELLE, Natália - *Quintas do Douro. A Arquitectura do Vinho do Porto*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 1999. [consultado em 01/10].

Disponível <URL:<http://www.repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/18430/2/000079783.pdf> quintas do

Esta intenção leva em linha de conta o facto da arquitectura contemporânea não poder continuar a ignorar o património vernacular e a paisagem rural, tanto como objectos de estudo como enquanto tema de projecto, uma vez que estes assumem cada vez mais um papel activo na espacialização de programas sociais e culturais, programas esses que, num passado ainda recente, se encontravam sob a responsabilidade única dos actos de planeamento, o que remetia a reflexão em torno da contextualização das novas intervenções realizadas nos sítios apenas para uma macro-escala.

De facto, diversos autores demonstram a sua preocupação face à necessidade de conciliar a paisagem existente e o seu património cultural, integrando as novas solicitações económicas, sociais e culturais que permitem manter o carácter evolutivo do território, constituindo esta, até, uma das preocupações mais relevantes demonstradas pela comunidade científica no que respeita a este tema, conforme é possível constatar da leitura das intervenções apresentadas no workshop Cultural Heritage in Changing Landscapes, que decorreu durante a IALE (International Association for Landscape Ecology) European Conference²⁷.

No entanto, estas abordagens são, na sua maioria, realizadas por geógrafos, ecologistas, arqueólogos, urbanistas, ou arquitectos paisagistas, razão pela qual talvez se justifique o facto de consideramos não se encontrar devidamente estudado o impacto da arquitectura sobre os aspectos que caracterizam as paisagens, sobretudo quando, como já referimos, a sua urbanidade não constituiu um aspecto relevante.

Por outro lado, das leituras efectuadas, concluímos que não só existe uma lacuna no que respeita à avaliação das consequências das novas intervenções, mas, também, uma atitude pouco atenta face ao contributo da análise e da sistematização da informação recolhida sobre o património vernacular para a manutenção dos pressupostos identitários das paisagens culturais.

Deste contexto excluem-se, no entanto, importantes trabalhos como o de Pedro de Llano sobre a arquitectura popular na Galiza, de Juan Báez Mezquita sobre a arquitectura popular de Sanabria, de Manuel Diogo sobre a arquitectura vernácula em Terras de Miranda, ou Maria do Nascimento Xavier Diogo sobre a arquitectura complementar e do trabalho também em Terras de Miranda, que realizam levantamentos e caracterizações tipológicas e morfológicas de base operativa, cujo intuito é precisamente documentar um património construído, ameaçado pela destruição, representativo de uma acção intuitiva do homem sobre o seu entorno natural.²⁸

Pedro de Llano, explicando o âmbito da sua investigação, refere precisamente o papel de contínua referência que este património deve assumir para aqueles que intervêm hoje sobre o território.

Também do texto da Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial consta a advertência para a necessidade de ser realizado, com a máxima brevidade, um levantamento do património vernacular da região, premência justificada não só pelo risco de destruição a curto prazo

douro. a arquitectura do vinho do porto>

²⁷ Conferência Europeia da Associação Internacional para a Ecologia das Paisagens.

²⁸ LLANO, Pedro de - Arquitectura popular en Galicia, Razón e Construcción. Op cit.; BAEZ, Juan Manuel Báez Mezquita - Arquitectura popular de Sanabria, asentamientos, morfologias y tipologias rurales. Zamora: Instituto de Estudios Zamoranos "Flórian de Ocampo", Diputación de Zamora, Caja España, 1994. ISBN 84-86873-35-5; DIOGO, Manuel - Arquitectura Vernácula em Terras de Miranda. Tese de Doutoramento apresentada à Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Departamento de Expression Gráfica e Arquitectónica, Universidad de Valladolid. 1994. Policopiado. DIOGO, Maria do Nascimento Xavier - A Arquitectura Complementar e do Trabalho em Terras de Miranda. Op. cit.

deste legado construído, como, também, tal como defende Pedro de Llano, pela sua importância como referência.

Na realidade, muito se tem escrito sobre o Douro, designadamente sobre os antecedentes culturais que caracterizam este território vinícola e sobre as razões que justificaram a sua classificação como paisagem cultural evolutiva pela UNESCO, pelo que podemos afirmar ser esta uma região pormenorizadamente documentada.

Autores como António Barreto, António Barros Cardoso, Bianchi de Aguiar, Carla Sequeira, Conceição Andrade Martins, Fernando de Sousa, Gaspar Martins Pereira, Maria Helena Mesquita Pina, Maria José Curado, Natália Fauvrelle e Teresa Andresen têm-lhe dedicado vários trabalhos de investigação, que abarcam diversas áreas científicas e cuja leitura atenta contribuiu decisivamente para a nossa compreensão do Alto Douro Vinhateiro.

Pese embora todos os documentos por estes autores produzidos, consideramos justificar-se a reflexão que aqui defendemos, dado que pensamos constituir uma abordagem inovadora, que vai de encontro às preocupações demonstradas pelos autores da Candidatura a Património Mundial e que, desde então, não encontrou eco junto da comunidade científica.

BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, Marc - Não lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade. Lisboa: 90 Graus Editora, 2006.

BÁEZ MEZQUITA, Juan Manuel - Arquitectura popular de Sanabria, asentamientos, morfologias y tipologias rurales. Zamora: Instituto de Estudios Zamoranos "Flórian de Ocampo", Diputación de Zamora, Caja España, 1994. ISBN 84-86873-35-5.

BAKER, Geoffrey H. - Análisis de la forma. Urbanismo y Arquitectura. México: Gustavo Gili, 1998. ISBN 968-887-352-7.

BOURDIEU, Pierre - O Poder Simbólico. Lisboa: Difel. Coleção Memória e Sociedade, 2001. ISBN 972-29-0014-5.

CHOAY, Françoise - Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, 2006. ISBN 972-44-1205-9.

DIOGO, Manuel - Arquitectura Vernácula em Terras de Miranda. Tese de Doutoramento apresentada à Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Departamento de Expression Gráfica e Arquitectónica, Universidad de Valladolid. 1994. Policopiado.

DIOGO, Maria do Nascimento Xavier - A Arquitectura Complementar e do Trabalho em Terras de Miranda. Tese de Doutoramento apresentada à Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Departamento de Expression Gráfica e Arquitectónica, Universidad de Valladolid. 2002. Policopiado.

EUE, Ralph; GUST, Kerstin; SEILER, Christian - Wine Architecture. The Winery Boom. Ostfildem: Hatje Cantz, 2008. ISBN 978-3-7757-2195-0, p. 55.

FOWLOW, Loraine; STANWICK, Sean - Wine By Design. West Sussex: Wiley Academy, 2006. ISBN 0-470-01447-4.

LLANO, Pedro de - Arquitectura popular en Galicia, Razón e Construcción. Galiza: Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, Comisión de Cultura, 1996, ISBN 84-85665-26-0.

NORBERG-SCHULZ, Christian - Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture. New York, United States of America: Rizzoli International Publications, Inc, 1979.

ANDRESEN, Teresa; CURADO, Maria José - Shapping the Future of a Cultural Landscape: The Douro Valley Wine Region. In Landscape Interfaces. Cultural Heritage in Changing Landscapes. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2003. ("Landscape Series"; vol. 1). ISBN 1-4020-1437-6, pp. 109-124.

JONES, Michael - The Concept of Cultural Landscape: Discourse and Narratives. In Landscape Interfaces. Cultural Heritage in Changing Landscapes. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2003. ("Landscape Series"; vol. 1). ISBN 1-4020-1437-6, pp. 40, 41.

KIENAST, Felix; WILDI, Otto; GHOSH, Sucharita - A Changing World, Challenges for Landscape Research. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2007. ("Landscape Series"; vol. 8) ISBN 978-90-481-2390-2.

LOZNY, Ludomir R. - Landscape under Pressure. Theory and Practice of Cultural Heritage Research and Preservation. Nova Iorque: Springer Science + Business Media, LLC, 2008. ISBN 0-387-28460-5.

PALANG, Hannes; FRY, Gary - Landscape Interfaces. In Landscape Interfaces. Cultural Heritage in Changing Landscapes. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2003. ("Landscape Series"; vol. 1). ISBN 1-4020-1437-6, p. 1.

RIBEIRO, Orlando - Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Lisboa: Edições João Sá da Costa, Lda., 1993. ISBN 972-9230-39-0.

SIRISRISAK T; AKAGAWA N. - Cultural landscape in the world heritage list: understanding on the gap and categorisation. City & Time [em linha] Vol. 2, nº 3 (2007) p.2 [consultado em 01/10]

Disponível em CECI <URL: <http://www.ct.ceci-br.org>>

UNESCO, United Nations Educational Scientific and Cultural Organization - Categorias e Critérios de selecção. [consultado em 08/10].

Disponível em URL:http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/temas/cul_tema.php?t=14

UNESCO-ICOMOS, United Nations Educational Scientific and Cultural Organization - International Council on Monuments and Sites, Documentation Centre - Charter on the Built Vernacular Heritage, 1999 [consultado em 08/10].

Disponível em URL:http://www.international.icomos.org/charters/vernacular_e.htm>

HALL, C. Michael et. al. - Wine Tourism Around The World: Development, Management and Markets. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2002. ISBN 0-7506-5466-X.

JOHNSON, Hugh - História Universal do Vinho. Lisboa: Litexa, 1999. ISBN 972-578-143-0.

JOHNSON, Hugh; ROBINSON, Jancis - The World Atlas of Wine. Alemanha: Metro Cash and Carry, 2008 (Reino Unido: Mitchell Beazley, 1971, 1ª ed.). ISBN 978-3-8338-1781-6.

BARRETO, António - O vinho do Porto e a Intervenção do Estado. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1988 (Análise Social; vol. XXIV). ISSN 0003-2573, pp. 373-390.

BIANCHI AGUIAR, F.; DIAS, J. M.; ANDRESEN, T.; CURADO, M, J. et al. - Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial. Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques, 2000.

FAUVRELLE, Natália - Formas de Armação do Terreno no Alto Douro Vinhateiro: Protecção e Gestão da Paisagem. In III Encontro Internacional Relações Portugal - Espanha. Porto: CEPES - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade e Edições Afrontamento, 2007 (População e Sociedade; nº 13), pp. 87-96.

FAUVRELLE, Natália - Quintas do Douro, As Arquitecturas do Vinho do Porto. Porto: GEHVID - Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto, 2001 (Cadernos da revista Douro. Estudos & documentos, 8).

GERALDO, J. A. Coelho Dias et. al. - Cister no Vale do Douro. Porto: Afrontamento, 1999. ISBN 972-36-0498-1.

MARTINS, Conceição Andrade - A filoxera na viticultura nacional. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1991 (Análise Social, vol. XXVI), pp. 653-688, ISSN 0003-2573

PEREIRA, Gaspar Martins - A produção de um espaço regional. O Alto Douro no tempo da filoxera. Porto: Faculdade de Letras, 1989 (Revista da Faculdade de Letras: História, Série II, vol. 6), ISSN 0871-164X, 1989, p.311-354.

PEREIRA, Gaspar Martins - O Vinho do Porto: entre o artesanato e a agroindústria. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2005 (Revista da Faculdade de Letras. História, Série III, vol. 6). ISSN

0871-164X pp.185-191.

PEREIRA, Gaspar Martins; SEQUEIRA, Carla - Da " Missão de Alijó" ao "Motim de Lamego". Crise e Revolta no Douro Vinhateiro em inícios do século XX. Trabalho realizado no âmbito do projecto de investigação "O Douro Contemporâneo: Sociedade, Economia e Instituições". Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004 (Revista História, Série III, vol. 5), pp. 59-77.

SEQUEIRA, Carla - A questão duriense e o movimento dos Paladinos, 1907-1932. Da Comissão de Viticultura Duriense à casa do Douro. Santa Maria da Feira: GEHVID - Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto em colaboração com CIRDD - Comissão Interprofissional da Região Demarcada do Douro, 2000. (Cadernos da Revista Douro - Estudos & Documentos; nº 5) ISBN 972-96896-4-4.

SEQUEIRA, Carla - A Região Vinhateira do Alto Douro, entre o livre-cambismo e o protecçãoismo. *Universum* [em linha]. Vol. 21, nº 2 (2006), pp. 138-146. [consultado em 01/10]. Disponível em Scielo <URL: http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-3762006000200009&script=sci_arttext> ISSN 0718-2376.

SILVA, Célia Taborda da - Movimentos Sociais no Douro no período de implantação do liberalismo (1834-1855). Porto: GEHVID - Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto, 2007. ISBN 978-97298969-4-1.

SOUSA, Fernando de - O Alto Douro. Da Demarcação Pombalina à Classificação de Património Mundial. In III Encontro Internacional Relações Portugal - Espanha. Porto: CEPESE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade e Edições Afrontamento, 2007 (População e Sociedade; nº 13). ISSN 0873-1861, pp. 19-30.

STANISLAWSKI, Dan - Landscapes of Bacchus. Austin: University of Texas Printing Division, 1970.

TENREIRO, A. Guerra - Douro. Esboços para a sua História Económica. Porto: Instituto do Vinho do Porto, 1942-1944.

Alexandra Amorim

Assistente na ULP

Arquiteta pela FAUP, Mestre em Planeamento e Projecto do Ambiente Urbano pela FEUP

Doutoranda em Arquitectura na ULP